

Artigo
Trabalho com bonecos no ambiente hospitalar



arte despertar

São Paulo, 2010

O Trabalho com Bonecos no Ambiente Hospitalar: ponte saudável entre o estresse e o poder aliviador do lúdico

Kelly Jardim

Histórico

A arte milenar do Teatro de Bonecos que encanta adultos e crianças é uma das mais antigas formas de diversão entre a humanidade. Registros dessa forma de expressão artística existem desde a Pré-História.

Os estudos indicam que os primitivos encantavam-se com suas sombras movendo-se nas paredes, nessa época as mães teriam desenvolvido o Teatro de Dedos, projetando com as mãos sombras diversas nas paredes para distrair os filhos.

Com o passar do tempo, os homens começaram a modelar bonecos de barro, sem movimentos a princípio. Mais tarde conseguiram articular a cabeça e os membros dos bonecos, para, a seguir fazer representações com eles.

Na Índia, China e Jawa, também eram realizados teatro de bonecos. Os Egípcios ensinavam espetáculos sagrados nos quais a divindade falava e era representada por uma figura articulada.

Na Grécia antiga os bonecos articulados tinham, além da importância cultural, conotações religiosas. O Império romano assimilou o teatro de bonecos, da cultura grega e rapidamente o espalhou pela Europa por intermédio da troca de culturas e dos mercadores, que caminhavam "cambiando"

Na Idade Média, os bonecos eram utilizado nas doutrinações religiosas e apresentado em feiras populares. Houve um período em que os integrantes desses grupos de teatro foram muito perseguidos porque representavam personagens que faziam críticas as autoridades religiosas.

Na Itália, o boneco mais conhecido foi o Maceus, que antecedeu o Polichinelo. O Polichinelo é uma antiga personagem-tipo e burlesca do teatro, cujas raízes remontam à Roma Antiga e que teve maior desenvolvimento com a commedia dell'arte. É a versão napolitana do Arlequim. Na Turquia havia o karagóz, que significa literalmente 'olho negro' em turco e é uma expressão da literatura e do

teatro popular, estendido por todo mundo árabe durante o Império Otomano. O Karagoz em sua versão turca é um teatro de sombras.

Na Grécia, as ATALANAS. Na Alemanha, o KASPER. Na Rússia, o Pretuska personagem principal dos espetáculos de fantoches russos do qual há notícias a partir do séc. XVII.

Em Jawa, o Wayang, que em indonésio é a palavra para teatro que literalmente significa "sombra". O termo é usado para se referir aos tipos de teatro de fantoches, marionetes. Na Espanha, o Cristóvam. Na Inglaterra, o Punch que é um personagem clássico que se originou na commedia dell'arte do século 17; e sua característica principal a partir do qual ele adquiriu o seu nome, é o nariz extremamente longo que se assemelha a um bico.

Na França, o Guinhol que é o nome de um marionete, personagem do teatro de fantoches, criado no século XIX em Lião, No Brasil, o Mamulengo cuja a origem do nome é controversa, mas acredita-se que originou-se de mão molenga - mão mole, ideal para dar movimentos vivos ao fantoche. E no Japão Bunraku ou teatro de bonecos, é uma herança da cultura popular e serve para contar as histórias do Japão antigo.

O Fantoche é uma espécie de boneco animado por uma pessoa, ele é manipulado internamente. A Marionete é uma espécie de boneco animado por uma ou mais pessoas, e é via de regra, suspenso por fios invisíveis.

Na América os fantoches foram trazidos pelos colonizadores. Entretanto, os nativos já confeccionavam bonecos articulados, que imitavam movimentos de homens e animais. Depois da primeira guerra, as marionetes foram difundidas pelo mundo e introduzidas nas escolas.

No Brasil, os bonecos começaram a ser utilizados em representações no século XVI. No tempo dos vice-reis eram muito apreciados. Foi no nordeste que o teatro de bonecos apareceu com destaque, principalmente em Pernambuco, onde até hoje é tradição. É o teatro Mamulengo, rico em situações cômicas e satíricas.

A expressão dos diversos tipos de bonecos está no movimento, completado pelo som, e ambos incendeiam a imaginação. Exige, portanto, o uso do poder criador, a capacidade de interpretar a realidade e a faculdade de transcender o mundo

material. Todos esses bonecos, às vezes com poucos recursos técnicos, mas com grandes possibilidades expressivas, possuíam e possuem algo em comum: A irreverência, a espontaneidade, a não submissão ao estabelecido, a comicidade e por vezes, a crueldade.

Como vimos historicamente o teatro de bonecos, contribuiu nas diversas culturas, tendo grande importância nestas sociedades como agente na descoberta do mundo, por meio da arte.

Ele é uma síntese das artes e acontece dentro de um contexto histórico: cultural, social, político, econômico, religioso e educativo.

São praticados em todo o mundo, assumindo fisionomias e espírito dramático bem diferenciado, dependendo da localização geográfica, tradições culturais, crenças e costumes.

Bonecos no ambiente hospitalar

O Ambiente Hospitalar pela seriedade do trabalho que realiza, salvar vidas, e por lidar com a doença e a morte muitas vezes é carregado de certa tensão/pressão o que geralmente gera estresse para a equipe de saúde e os pacientes e acompanhantes que o freqüentam. Muitas são as ações desenvolvidas pela Associação Arte Despertar dentro deste contexto, para a partir do trabalho de humanização através da arte e cultura contribuir para melhorar a qualidade destes ambientes.

A manipulação de bonecos é um dos métodos artísticos de ação e interação com o qual trabalhamos no hospital.

O boneco, brinquedo de quase todas as pessoas em sua infância, meninas e também meninos (que brincam com seus cowboys, astronautas, xerifes etc.) feitos muitas vezes, como nos relatam alguns pacientes e funcionários: de sabugo de milho, de pano, de pau e do material que a criatividade conceber carregam em si uma capacidade lúdica maravilhosa.

Os bonecos conectam: pacientes, equipe de saúde e acompanhantes com as suas memórias de infância. Com um outro tempo e com uma outra realidade, além da

doença, além dos problemas, além da dor. Como diz a canção popular¹: "*Além do horizonte existe um lugar, alegre e contente, pra gente se amar*".

Os bonecos transportam para estes "outros lugares" além do horizonte da doença, trazendo à memória do que esta saudável. Conectam com a lembrança de outros capítulos vividos com a recordação de quando: "se era herói"

Para a criança o tempo é uma eternidade. Quando criança somos donos do tempo, portadores das infinitas possibilidades de vida. Cheios de expectativas, de aventuras por viver, de projetos para realizar. Quando somos crianças todos os sonhos estão ali, palpantes em nossa imaginação, esperando para serem vividos.

Os bonecos, seres inanimados por princípio, ao serem manipulados adquirem "vida própria" e transformam o momento em magia que muitas vezes nos faz momentaneamente sair da realidade através do seu grande poder lúdico, nos remetendo a infância. O boneco pode expressar outras dimensões, extrapolando a realidade. Voar contrariando as leis da física, assumir posturas mais extravagantes, etc. Mas eles não perdem o caráter de familiaridade. Isto é, nos identificamos com eles. Importante ressaltar que este "sair" da realidade da doença, não é uma fuga da verdade. Mas uma possibilidade de realizar uma viagem por outros aspectos da vida. De dar um passeio por outras paisagens que ajudem a lidar com o contexto da doença.

O Teatro de bonecos é, por excelência, simbólico. A manipulação dá ao boneco propriedades que ele não possui. Ele passa a representar algo através da manipulação, através dos movimentos representa a vida ativa.

Mas por que utilizar o símbolo? Por que representar simbolicamente? Pelo simples fato de que o símbolo é capaz de expressar grandezas que não podem ser expressas de outra forma.

Certo dia quando estávamos atuando na UTI do Hospital Santa Isabel fomos solicitados no quarto de um paciente que tinha nos escutado no quarto ao lado. Era um senhor de aproximadamente uns 50 anos já bem debilitado com um quadro grave. Ele já não falava por causa dos aparelhos, mas estava totalmente lúcido e escrevia o que queria nos comunicar.

¹ Além do Horizonte de Roberto Carlos e Erasmo Carlos

Estávamos com um fantoche pequeno que é uma índia e perguntei se ele gostava de poesia e se o boneco podia fazer uma poesia. Ele respondeu que sim e emocionou-se com as poesias. Ele estava acompanhado pela filha e nos pediu que o boneco cantasse a cantiga popular peixe vivo e ele fez uma declaração de amor a filha: segurou firmemente a sua mão e choraram principalmente no trecho:

“Como poderei viver?

Sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia”,

Naquele momento aquele senhor não era um paciente grave da UTI ele era simplesmente um pai cantando uma cantiga pra sua filha, intermediados por uma boneca.

Aquilo que não pode ser mensurado por qualquer um de nossos sentidos, aquilo que não pode ser pensado ou definido, pode ser representado. A representação permite compartilhar o mundo através da expressão e da manifestação, lavrando um código para uma comunicação. Por meio da representação redimensionamos o homem em seu contexto espaço-temporal, enviando para o “espectador” a possibilidade de ver-se refletido nesse espelho representativo, ou seja, o espectador assume uma posição distanciada que lhe possibilita ao mesmo tempo identificar-se com o objeto representado e sem perder sua individualidade.

Tinha uma enfermeira da UTI, uma senhora mais velha, que nunca falava conosco, até que levamos um boneco que era uma enfermeira pra atendermos e naquele dia, ela conversou com o boneco e contou pra ele toda sua vida!!!!

Segundo André Virel, pintor, poeta, teórico e profissional da psicologia, sociólogo e antropólogo da Faculdade de Ciências de Paris em seu livro *Histoire de notre image*. Genève: Ed. Du Mont Blanc, 1965 “O ser humano destaca-se dos outros seres pelo seu dom representativo. Através de analogismos, é capaz de evocar uma imagem da sua memória por meio de outra coisa diferente da primeira e que a representa. Essa representação torna-se símbolo, pois é uma determinação arbitrária de correspondência. O símbolo é aquilo que foi determinado representar e, ao mesmo tempo, aquilo que é por si mesmo. (...) De fato, é necessário precisar que nada é simbólico em si, mas o é justamente pelo pensamento, o qual possui como

característica essencial a função simbólica, esta possibilidade de carregar uma entidade do mundo exterior ou mesmo do mundo do pensamento, uma entidade concreta ou abstrata, com valores exteriores a essa entidade.”

E é pelo seu poder de representar o simbólico que o boneco torna possível expressar outros tempos vividos, outras dimensões, inclusive o poder criativo, dentro do ambiente hospitalar, extrapolando a realidade e transportando os pacientes e a equipe de saúde para uma espécie de tempo mágico. O trabalho com os bonecos trás a infância para o presente e especifica o conceito como expressou Chico Buarque² na música “AGORA eu era o herói” novamente. E neste agora transformado, posso de novo brincar, sonhar. Guimarães Rosa diz que “recordar-se é retornar-se”, o prefixo re significa novo, então retornar-se é **tornar se de novo** livre, de quaisquer preocupações, angústias, estresses e dor.

Estávamos trabalhando na UTI pediátrica do Incor, quando entramos na UTI, uma menina de uns 2 anos chorava desesperadamente e sua mãe também. Manipulávamos um boneco: a sereia e com ela fomos acalmando a criança ate que ela parou de chorar e a “sereia” cantou para ela até que dormisse. Depois deste dia a mãe tornou-se amiga intima da sereia e solicitou seus cantos em vários outros dias. Um deles bem marcante; chegamos novamente nesta UTI, desta vez sem a sereia e a menina tinha acabado de chegar ao leito retornando de um processo cirúrgico e chorava muito e novamente a mãe também. Quando ela nos viu pediu, por favor, se podíamos buscar a sereia (que estava no armário onde guardamos os nossos pertences) buscamos a sereia e novamente ela cantou até que a menina se acalmou e dormiu, desta vez a equipe de saúde que acompanhou o nosso procedimento, ficou também muito emocionada em ver a força do trabalho com um boneco.”

Conclusão

Pelas experiências vividas com a manipulação de bonecos no ambiente hospitalar constatamos que este método artístico por seu grande poder simbólico e potencial criativo melhora a qualidade do ambiente e das relações entre os presentes oferecendo por um momento uma outra realidade. Torna-se, assim, uma espécie

² João e Mariade composição de Chico Buarque e Sivuca

de ponte saudável entre o estresse do cotidiano hospitalar e o poder aliviador do lúdico.

BIBLIOGRAFIA:

Amaral, Ana Maria. *O ator e seus duplos*. São Paulo: EDUSP, 2002, p. 121.

_____. *Teatro de formas animadas*. São Paulo: EDUSP, 1991, p. 22.

Soares, Bruno. *Apostila para teatro de bonecos*. Atores de cristo. Bibliaworld, s/d.

Virel, André. *História da nossa imagem*. Genève: Ed. Du Mont Blanc, 1965.

Pesquisa do grupo Caixa do elefante - <http://www.caixadoelefante.com.br/>